ZACURY, Tania, **O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. 4ª ed. RJ. Record, 2006

**EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PROBLEMAS, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

Não é possível realizar uma plena análise acerca do atual estado em que se encontra a educação do Brasil não evidenciarmos seus principais problemas. Tão pouco aqui se diga que esses problemas são de natureza recente. A educação de nosso país passa por dificuldades de estruturação e funcionamento; falta de financiamento; desestruturação das relações entre aluno-professor-família; desvalorização social; desatualização frente mudanças; e desmotivação. Estas questões não são completamente independentes uma da outra, de fato estão inter-relacionadas. O objetivo aqui é refletir sobre essas questões e ver como é que fica a situação do professor de hoje em meio a toda essa “parafernália”.

Muitas especulações que permeiam a educação brasileira e que se acredita serem fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, quando feito observações cuidadosas sobre sua veracidade, por vezes se mostram não passarem de mitos. Nessa categoria se enquadram: o professor tem que ser afetivo e carinho com os alunos; um bom professor é aquele que ensina sem que os alunos precisem se esforçar; uma comunidade participativa é essencial a qualidade do ensino; além de outras.

Uma boa relação entre professores e alunos é sempre conveniente, mas não é determinística para que ocorra aprendizagem, como se costuma pensar. Essa crença tem gerado efeitos negativos, pois muitos professores (mesmo que ensinem maravilhosamente bem) são considerados maus professores, só pelo fato de não conquistar bom relacionamento com seus alunos. E muito pior, podem ser apontados como os culpados, se caso os alunos fracassem em seus estudos porque não foram capazes de contornar isso, por que não tiveram atenção e afetividade suficientes para ajudar os alunos.

A boa atuação do professor no contesto de preparação e organização de suas aulas, sem dúvidas, é fator importante, mas, segundo *ZAGURY, p/29 “[...] ela jamais eliminará o fato de que o aluno é parte ativa e integrante desse processo e que dele depende uma cota de responsabilidade a ser dividida com a instituição”*. Os alunos são ativos e deles depende certo esforço com a aprendizagem e com a escola.

O papel da comunidade (família) na escola é contribuir com o acompanhamento e adição de informações ao ambiente escolar. Pena que ultimamente essa relação tem sido desvalorizada e vem se tornando conflituosa. Se houvesse um relacionamento agradável, entre escola e comunidade, por meio do qual se discutissem as dificuldades de aprendizagem, os problemas de relacionamento com a escola e com os colegas e até mesmo problemas externos ao ambiente escolar no qual os alunos estão envolvidos, o papel da comunidade na escola seria de grande valia. Mas não é isso o que tem ocorrido, em muitos casos a comunidade ao invés de ajudar aos professores com alunos mais difíceis, prefere ver o professor como o “único responsável pelos fracassos no ensino” e “mascará a realidade”.

As dificuldades de aprendizagem dos alunos quando não diagnosticadas a tempo contribuem com a questão do “fracasso escolar”, que tem como consequência direta a queda na qualidade do ensino. Que por sua vez está ligada a fatores tais como:

“1) a má compreensão e distorção das novas linhas pedagógicas aplicadas [...]; 2) a falta de experimentação prévia em projetos-piloto, antes da implantação geral no sistema; e 3) o raro acompanhamento de resultado de cada nova proposta implanta”. ZAGURY, p/40

As mudanças metodológicas, e de certa forma irresponsáveis, implantadas na escola brasileira, tem gerado grande insegurança nos professores (como consequência), pois acostumados ao modo tradicional de ensinar, de vez em quando precisam mudar rapidamente de postura e se lançar em um novo modelo de ensino, criado com a perspectiva de sanar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, mas que na realidade sem nenhuma segurança de que realmente funciona. A insegurança resulta do fato de que, inicialmente, os professores desconhecem a nova proposta e por isso não sabem como colocá-la em prática. Então é preciso aprendê-la às pressas, até porque não dispõem de muito tempo para isso, e como também não recebem orientação pedagógica suficiente, o resultado é que nem sempre é possível colocá-las em funcionamento.

“No Brasil, as mudanças educacionais têm sido de ‘papel’, ocorrem na ‘lei’. Mas lá na sua sala de aula, o professor não recebe o treinamento de que necessita para efetivar com segurança o novo modelo [...]”. ZAGURY, p/45

As novas mudanças pedagógicas alteraram também a relação professor-aluno. Nos padrões atuais, o professor só é considerado bom, se caso consiga tornar-se amigo dos alunos. O professor compreensível e que aceita as diversidades individuais de cada aluno ganhou ibope. Algo que segundo a afirmação de *ZAGURY, p/46 “Os melhores professores passaram a ser aqueles cujos alunos os adoram, não importa se ensinam ou não. O importante é compreender, entender as dificuldades, considerar seus problemas emocionais, sua classe social [...] e ajudar a superá-los do ponto de vista emotivo [...]”*

Antes de tudo é dever da escola ensinar, proporcionar aos alunos amadurecimento intelectual para que estejam prontos para enfrentar as dificuldades e exigências da sociedade atual. O emocional é importante, mas a preparação em conhecimentos técnico e científico é fundamental, visto que o mundo lhes cobrará estas habilidades. Caso a escola não dê conta de preparar os alunos cientificamente, estes estarão em desvantagem frente a sociedade.

Outra questão que merece destaque nos últimos anos está relacionada à forma de pensar a aprovação/reprovação de alunos. As recentes propostas metodológicas consideram a reprovação nociva capaz de provocar desilusão, algo que destrói os alunos. Nesse sistema o ideal seria abolir por completo a reprovação de alunos. Como consequência disso é que por mais que o professor use metodologias adequadas, incentive e oportunize a reflexão, faça revisão e recuperação, se mesmo assim os alunos não atingirem os objetivos desejados, a culpa não é deles, pois é do professor. Mesmo que os alunos não tenham estudado e nem se esforçado para isso. O problema é que a cada ano que passa os alunos são promovidos para séries mais avançadas com graves deficiências, sem base alguma não dão conta de aprender o que lhes é ensinado no momento, então, antes de sanarem essas dificuldades, são promovidos novamente e seguem passando de ano e sem aprender o que deviam. Então os alunos terminam uma jornada de vários anos na escola, mas na realidade sequer dão conta de ler e interpretar textos básicos, nem fazer cálculos simples etc. enfim despreparados para a vida em uma sociedade que a cada dia cobra mais.

“o enfoque que se infiltrou na educação parece querer fazer crer, que de hora para outra, o homem perdeu todo o seu potencial de luta, de reação as dificuldades e frustrações. É como se tivesse se tornado incapaz de reagir a qualquer problema ou dificuldade. [...] Afinal, o que é hoje a vida fora da escola? Não há competição? As pessoas não são avaliadas? Os postos de trabalho estão ai, só esperando as novas gerações assumi-los? [...]. Zagury, p/55.

Sem antes serem testadas e devidamente verificadas todas essas ideias desenvolvidas por especialistas no assunto, muitos dos quais desconhecedores da realidade do convívio escolar chegam às escolas e simplesmente obrigam os professores a entrarem na “nova onda”, pois quem não se adapta é taxado de tradicional e atrasado. Não é que aceitar o novo seja ruim, não! A questão é que o professor também não tem sido preparado para enfrentar essas mudanças, sem conhecer e sem saber como aplicá-las os professores acabam abandonando e deixando tudo como já estava. Há de se convir que também o professor pode apresentar deficiências, pois ele também é vitima desse mesmo sistema. Ele já foi aluno.

A realidade é que os problemas referentes à educação são amplamente discutidos, mas dificilmente se pede a opinião de quem realmente entende do assunto, o professor. Dentre as maiores dificuldades enfrentadas no ensino atual, na opinião dos professores as quatro mais importantes são: a indisciplina na sala de aula, a falta de motivação, como fazer a avaliar os alunos e como manter-se constantemente atualizado.

Um dos maiores problemas da escola de hoje á sem dúvida a indisciplina na sala de aula. Algo que depois do que já foi dito, com uma simples observação é possível imaginar suas causas. Como os alunos não estão aprendendo e como estão sendo promovidos sem esforço algum, não há motivos para prestarem atenção na aula, ponto. Então procuram algo de mais interessante para fazer na hora da aula, esquecem que existe professor em sala, no final das contas não conseguem aprender nada, até porque nem sequer escutaram o que foi dito pelo professor, assim se tornam desmotivados e alienados. A família também não tem dado a assistência que deveria para ajudar a amenizar esse problema, que vem se tornando cada vez pior.

“A família abriu mão de seu papel essencial de geradora de ética e de primeira agência socializadora das novas gerações”. Zagury, p/89

A desmotivação dos alunos pode ser explicada como consequência da não aprendizagem, em geral o aluno percebe que passou anos indo à escola e não reteve os conhecimentos significativos aos quais foi apresentado, então se detém a ideia até aceitável de que apenas perdeu tempo e além disso está obrigado a continuar com essa farsa por mais alguns anos.

Com relação à problemática da avaliação, as novas tendências educacionais admitem ser mais plausível o modelo de avaliação qualitativa ao invés da quantitativa tradicional. Ao professor só restam duas possíveis escolhas: a) seguir a recomendação da moderna teoria ou b) se manter firme e fazer o que pode. A segunda opção é a mais escolhida pelos professores devido a sua maior simplicidade. No caso da avaliação qualitativa (primeira opção) ela apresenta uma dificuldade muito maior, pois segundo *Zagury, p/98 [...] “é necessário que o professor tenha contato direto e constante com cada um de seus alunos. Só assim se consegue, efetiva e realisticamente, verificar os avanços graduais e sucessivos de cada estudante [...]”.*

O professor da Educação Básica, que geralmente ensinam em duas a três escolas, as vezes distante uma da outra, com pouca disponibilidade de materiais tais como: livros, revistas, jornais etc. atualizados e disponíveis na escola, é bem provável que com o tempo ele vá se tornando desatualizado. Fato que é reconhecido pelos próprios professores.

“[...] a falta de tempo e de recursos financeiros são fatores que impossibilitam os docentes de investirem em sua qualificação [...]”. Zagury p/106.

Portanto, são muitas as questões problemáticas às quais os professores do Brasil precisam se ater. Está claro que tem sido feitos grandes esforços no sentido de mudar esse quadro, mas tudo indica que estão fazendo isso de forma equivocada, ou talvez os investimentos despendidos para esse fim sejam insuficientes.

Os especialistas que por vezes apontam um novo caminho, uma nova solução para os problemas de nossa educação fazem isso com a melhor das intenções, no entanto, o que se tem visto é que só a adoção dessas novas técnicas, tem aumentado de forma significativa as dificuldades dos professores, no entanto, nem sempre tem surtido efeito positivo. Além do mais, a adoção imediata de um novo método, sem antes ser testado e amplamente compreendido pelos professores, tem gerado muitos conflitos, pois quando colocados em prática, o ambiente escolar não tem dado condições para seu funcionamento e também o professor não sabe como fazer isso. E depois de muitas tentativas sem sucesso e gasto de tempo não recompensado, eles os abandonam e pronto.

A escola tem perdido importância e os professores são desvalorizados socialmente. Por vezes existem conflitos entre família e escola e os professores são os que têm levado a pior na situação.

A maioria dos alunos vai à escola porque precisa de notas, não porque desejam aprender e progredir. Como não é mais de direito evitar que os alunos sem condição alguma de seguirem a diante avancem, à preocupação com reprovação “tende prá zero” e por isso vão a escola curtir, ou fazer qualquer outra coisa, menos estudar e aprender.

Além de todos esses problemas, sem uma boa remuneração e condições de trabalho desfavoráveis, não se pode espera dos professores mais do que eles já tem feito. Ou então cobrem muito mais, no entanto, comecem oferecendo um salário digno, melhorem seu ambiente e condições de trabalho, busquem escutá-los, enfim respeitem sua profissão.

A discussão que acaba de se encerrar está fundamentada na leitura do livro *O professor refém,* escrito por Tania Zagury e lançado em abril de 2006. Nesse livro, contendo 302 páginas, ‘após vasto estudo de campo, junto ao professor que atua nas salas de aulas de Educação Básica, a autora analisa e comenta razões do fracasso do ensino brasileiro com base em sua experiência de 36 anos dedicados à Educação’.